

Araújo, Cicero. **Prefácio à edição em português.** *En publicación: Filosofía política moderna. De Hobbes a Marx* Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006. ISBN: 978-987-1183-47-0

Disponível em la World Wide Web:

http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/01_araujo.pdf

www.clacso.org

RED DE BIBLIOTECAS VIRTUALES DE CIENCIAS SOCIALES DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, DE LA RED DE CENTROS MIEMBROS DE CLACSO

<http://www.clacso.org.ar/biblioteca>

biblioteca@clacso.edu.ar

FILOSOFIA POLÍTICA
MODERNA

ATILIO A. BORON
[ORGANIZADOR]

Filosofia política moderna : de Hobbes a Marx / compilado por Atilio A. Boron - 1a ed. - Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO ; San Pablo: Depto. de Ciência Política - FFLCH - Universidade de São Paulo, 2006. 448 p. ; 16x23 cm. (Biblioteca de ciencias sociales dirigida por Atilio Alberto Boron)

Traducido por: Celina Lagrutta

ISBN 987-1183-47-X

1. Teoria Política. 2. Filosofia Política. I. Atilio A. Boron, comp. II. Lagrutta, Celina, trad. III. Título
CDD 320.5

Outros descritores estabelecidos pela Biblioteca Virtual do CLACSO:
Teoria Política / Filosofia Política / Liberalismo / Utilitarismo
Contratualismo / Liberdade / Poder

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem seu armazenamento em um sistema informático, nem sua transmissão em qualquer formato ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou outros meios, sem a autorização do editor.

A responsabilidade pelas opiniões expressadas nos livros, artigos, estudos e outras colaborações incumbe exclusivamente os autores firmantes, e sua publicação não necessariamente reflete os pontos de vista da Secretaria Executiva do CLACSO.

COLEÇÃO BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FILOSOFIA POLÍTICA
MODERNA
DE HOBBS A MARX

ATILIO A. BORON
[ORGANIZADOR]

RENATO JANINE RIBEIRO
TOMÁS VÁRNAGY
ALEJANDRA CIRIZA
MARILENA CHAUI
EDUARDO GRÜNER
ROBERTO GARGARELLA
MIGUEL ANGEL ROSSI
RUBÉN R. DRI
GABRIEL COHN
CICERO ARAÚJO
ATILIO A. BORON
SABRINA T. GONZÁLEZ
LILIANA A. DEMIRDJIAN
ANDRÉ SINGER
INÉS POUSADELA
SERGIO MORRESI
DANIEL KERSFFELD
JAVIER AMADEO
BÁRBARA PÉREZ JAIME
EDGARDO GARCÍA



Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales



Conselho Latino-americano
de Ciências Sociais

Colección Biblioteca de Ciencias Sociales

Director Fundador Mario R. dos Santos (in memoriam)
Director de la Colección Atilio A. Boron, Secretario Ejecutivo de CLACSO

Traducciones Celina Lagrutta
Edición en Portugués Sérgio Duarte Julião Da Silva

Area de Difusión y Producción Editorial

Coordinador Jorge A. Fraga
Edición Florencia Enghel
Revisión de Pruebas Mariana Enghel / Ivana Brighenti
Diseño Editorial Miguel A. Santángelo
Marcelo Giardino / Jimena Durán Prieto
Divulgación Editorial Marcelo F. Rodríguez
Sebastián Amenta / Daniel Aranda / Carlos Ludueña
Arte de tapa Miguel A. Santángelo

Programa de Publicaciones en Portugués

Editor Académico del Programa Javier Amadeo
Divulgación Editorial en Brasil Gonzalo A. Rojas
Rua Artur de Azevedo 736, Pinheiros, São Paulo, Brasil
Telefone (55 11) 3082 7677 / Endereço eletrônico <publicarbr@campus.clacso.edu.ar>

Impresión Cromosete Gráfica e Editora Ltda

Primera edición en español abril de 2000
Primera edición en portugués *Filosofía política moderna: de Hobbes a Marx*
(Buenos Aires/San Pablo: CLACSO/DCP-FFLCH, julio de 2006)

CLACSO

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales / Conselho Latino-americano de Ciências Sociais

Av. Callao 875, piso 3º C1023AAB Ciudad de Buenos Aires, Argentina
Tel (54 11) 4811 6588 - Fax (54 11) 4812 8459 - e-mail <clacso@clacso.edu.ar> - web <www.clacso.org>

ISBN-10: 987-1183-47-X / ISBN-13: 978-987-1183-47-0

© Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Queda hecho el depósito que establece la ley 11.723 Departamento de Ciência Política



Departamento de Ciência Política
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo

Chefe Cicero Araújo
Suplente Rafael Antonio Duarte Villa

Comissões Pós-Graduação

Coordenador Álvaro de Vita
Vice-Coordenador Marta Tereza da Silva Arretche

Graduação

Coordenador Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-Coordenador Eduardo Cesar Marques

Editorial

Coordenadores Cláudio Vouga / Gabriel Cohn / Eduardo Kugelmas

Coordenadores de Seminários

Do Departamento Fernando de Magalhães Papaterra Limongi
De Área Rafael Antonio Duarte Villa

Departamento de Ciência Política

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 - 2º andar sala 2047 - Cid. Universitária - São Paulo - SP
CEP 05508-900 - tel/fax: 3091-3754 E-mail: <fflchlp@edu.usp.br>

ÍNDICE

CICERO ARAÚJO PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS		11
ATILIO A. BORON PRÓLOGO		15
RENATO JANINE RIBEIRO THOMAS HOBBS, OU: A PAZ CONTRA O CLERO		19
TOMÁS VÁRNAGY O PENSAMENTO POLÍTICO DE JOHN LOCKE E O SURGIMENTO DO LIBERALISMO		45
ALEJANDRA CIRIZA A PROPÓSITO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU: CONTRATO, EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE		81
MARILENA CHAUI ESPINOSA: PODER E LIBERDADE		113

EDUARDO GRÜNER O ESTADO: PAIXÃO DE MULTIDÕES ESPINOSA VERSUS HOBBS, ENTRE HAMLET E ÉDIPO	145
ROBERTO GARGARELLA EM NOME DA CONSTITUIÇÃO O LEGADO FEDERALISTA DOIS SÉCULOS DEPOIS	169
MIGUEL A. ROSSI APROXIMAÇÕES AO PENSAMENTO POLÍTICO DE IMMANUEL KANT	189
RUBÉN R. DRI A FILOSOFIA DO ESTADO ÉTICO A CONCEPÇÃO HEGELIANA DO ESTADO	213
GABRIEL COHN TOCQUEVILLE E A PAIXÃO BEM COMPREENDIDA	247
CICERO ARAÚJO BENTHAM, O UTILITARISMO E A FILOSOFIA POLÍTICA MODERNA	267
ATILIO A. BORON FILOSOFIA POLÍTICA E CRÍTICA DA SOCIEDADE BURGUESA: O LEGADO TEÓRICO DE KARL MARX	287
ESTUDOS TEMÁTICOS:	
LILIANA A. DEMIRDJIAN E SABRINA T. GONZÁLEZ A REPÚBLICA ENTRE O ANTIGO E O MODERNO	331
ANDRÉ SINGER MAQUIAVEL E O LIBERALISMO: A NECESSIDADE DA REPÚBLICA	347
INÊS M. POUSADELA O CONTRATUALISMO HOBBSIANO (OU DE COMO PARA ENTENDER DO DIREITO É NECESSÁRIO PENSAR DO AVESSE)	357

SERGIO MORRESI

PACTOS E POLÍTICA

O MODELO LOCKEANO E A OCULTAÇÃO DO CONFLITO

| 373

DANIEL KERSFFELD

ROUSSEAU E A BUSCA MÍTICA DA ESSENCIALIDADE

| 393

BÁRBARA PÉREZ JAIME E JAVIER AMADEO

O CONCEITO DE LIBERDADE

NAS TEORIAS POLÍTICAS DE KANT, HEGEL E MARX

| 405

EDGARDO GARCÍA

ESPAÇO PÚBLICO E MUDANÇA SOCIAL

PENSAR A PARTIR DE TOCQUEVILLE

| 425

CICERO ARAÚJO*

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

É COM GRANDE SATISFAÇÃO que o Departamento de Ciência Política da USP patrocina, em comunhão com o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso), a presente coletânea sobre o pensamento político clássico moderno. Esta coletânea (já publicada em espanhol), cabe lembrar, foi a primeira iniciativa de intercâmbio acadêmico que colegas brasileiros e argentinos têm empreendido desde o ano 2000, do qual resultaram três simpósios e duas outras publicações, sem contar mais uma que se encontra no prelo.

O copatrocínio nos parece significativo não só por expressar uma salutar disposição para uma ação coletiva de natureza intelectual –o que em si é uma conquista– mas pelo objeto mesmo do empreendimento. Pois ela é também o sinal do revigoramento da teoria política que ambas as instituições cooperantes têm promovido, em especial através de uma retomada do pensamento político clássico. Quem conhece a paisagem internacional da Ciência Política contemporânea sabe que tais iniciativas nem sempre são bem recebidas. Paira sobre os que se dedicam a estudar a história do pensamento político o estigma do antiquarismo estéril. Quentin Skinner, um dos mais destacados es-

* Chefe do Departamento de Ciência Política/FFLCH-USP.

tudiosos dessa área, registra esse estigma em sua própria obra: “Entre meus críticos –um grupo inquietantemente numeroso– alguns chegaram ao ponto de me acusar de incorrer em ‘antiquarismo acadêmico’, de não perceber que tal abordagem pode esperar satisfazer apenas ‘o mais empoeirado interesse de antiquário’” (Quentin Skinner *Liberdade antes do liberalismo*). O curioso quanto a essa acusação é que Skinner, embora naturalmente o retruque, reconhece o ponto com um questionamento muito pertinente para todo investigador do campo, mesmo para aqueles que não compartilham os mesmos métodos de sua escola: “Deveríamos, creio eu, estar dispostos a nos perguntar bem agressivamente o que se supõe ser o uso prático, aqui e agora, de nossos estudos históricos [...] A acusação de antiquarismo é, em suma, uma acusação que me incomoda profundamente e à qual todos os historiadores profissionais deveriam, acho, estar dispostos a responder, ao menos para a satisfação de suas próprias consciências”.

Creio que nenhum dos autores da presente coletânea se reconheceria como historiador profissional. Talvez neste aspecto poderiam se declarar livres da suspeita de antiquarismo. Contudo, suas contribuições mesmas revelam um profundo interesse pela história de seu *métier* (pensar a política). É como se declarassem a impossibilidade de pensar o “aqui e agora” sem fazer um recuo no tempo. Mas o que é fazer um “recuo no tempo”? Muitas vezes, e até com pouca consciência, imaginamos que o tempo passado significa um caminho já traçado, como que asfaltado pela natureza. A rigor, aceitamos com mais facilidade que o futuro seja indeterminado, nele havendo vários caminhos alternativos. Raramente nos ocorre que, de outros modos, o passado também seja indeterminado, e que haja uma relação significativa entre ambas as indeterminações. Recuar no tempo é também o fruto de uma escolha, muitas vezes tremendamente difícil. E se conseguimos, de alguma forma, fazê-lo, é porque antes de nós, pretensos pensadores da política do presente, outros nos antecederam deixando atrás de si aquele famoso fio que evita que nos percamos dentro da caverna escura daquele igualmente famoso monstro. Mesmo o pensamento mais original e rupturista não pode dispensar essa orientação. Projetar-se para o “novo tempo” não deixa de ser o enfrentamento do monstro. Mas como, então, sair da caverna? Desse ponto de vista, estudar “clássicos” exprime uma genuína necessidade do intelecto –a começar “teórica”–, e não uma mera postura reverencial.

Pensando bem, contudo, talvez haja mais do que isso. Skinner, no mesmo livro já citado, fala do estudioso da história do pensamento político como um arqueólogo obcecado por “tesouros intelectuais enterrados”. A imagem, inadvertidamente, parece reintroduzir o problema do antiquarismo. Na verdade, coloca em nossa conversa uma outra obsessão, de sabor mais filosófico: o problema da permanência

ou da perenidade na história, supostamente o lugar da contingência. “Tesouro” evoca a imagem de um valor duradouro, que acreditamos cada autor clássico, a sua maneira, teria sido capaz de descobrir e polir. Mas evoca algo mais: a dimensão estética do pensamento político. Pois é dessa forma que a tradição se apresenta não apenas como a bússola, mas como o resgate do belo que inspira, coloca sangue nas veias e até mesmo (o leitor há de desculpar o tom “Novo Testamento” do verbo) ressuscita. Enfim, coisas que não são nada irrelevantes para um tipo de pensamento que, como o político, é vocacionado para a ação.

Por falar nisso, e para concluir, não resisto citar os versos de Shakespeare que Hannah Arendt dedicou a Walter Benjamin, que de alguma maneira exprimem, e infinitamente melhor, tudo o que tentei dizer:

*“A cinco braças jaz teu pai,
De seus ossos fez-se coral,
Essas são pérolas que foram seus olhos.
Nada dele desaparece
Mas sofre uma transformação marinha
Em algo rico e estranho”*

São Paulo, fevereiro de 2006

